



Universidade de Brasília - Hospital Universitário de Brasília Faculdade de
Ciências da Saúde
Residência Multiprofissional em Atenção à Saúde Oncológica –Enfermagem

NAYARA LUIZA DA SILVA OLIVEIRA MARTINS

ATUAÇÃO DA ENFERMAGEM NO MANEJO DA DOR ONCOLÓGICA DE PACIENTES EM TRATAMENTO QUIMIOTERÁPICO: REVISÃO INTEGRATIVA

Distrito Federal

2024.2

NAYARA LUIZA DA SILVA OLIVEIRA MARTINS

ATUAÇÃO DA ENFERMAGEM NO MANEJO DA DOR ONCOLÓGICA DE PACIENTES EM TRATAMENTO QUIMIOTERÁPICO: REVISÃO INTEGRATIVA

Trabalho de Conclusão da Residência
Multiprofissional em Atenção à Saúde
Oncológica – Enfermagem
apresentado à Universidade de
Brasília - Hospital Universitário de
Brasília - UnB HUB/Ebserh, como
requisito parcial para obtenção de
título de especialista em Enfermagem
Oncológica

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Andréia
Guedes Oliva Fernandes

Coorientadora: Prof^a. Dr^a. Talita de
Cássia Raminelli da Silva

Distrito Federal

2024.2

FICHA CATALOGRÁFICA

FOLHA DE APROVAÇÃO

Nayara Luiza da Silva Oliveira Martins

ATUAÇÃO DA ENFERMAGEM NO MANEJO DA DOR ONCOLÓGICA DE PACIENTES EM TRATAMENTO QUIMIOTERÁPICO: REVISÃO INTEGRATIVA

Trabalho de Conclusão da Residência
Multiprofissional em Atenção à Saúde
Oncológica – Enfermagem
apresentado à Universidade de
Brasília - Hospital Universitário de
Brasília - UnB HUB/Ebserh, como
requisito parcial para obtenção de
título de especialista em Enfermagem
Oncológica

Distrito Federal, 04 de fevereiro de 2024.

BANCA EXAMINADORA

Profª Drª Andréia Guedes Oliva Fernandes

Profª Drª Talita de Cássia Raminelli

Profª Esp. Renata Blagi Rocha

Profª Drª Cristiane Feitosa Salviano

Profª Me. Rafaelly Stavale

AGRADECIMENTOS

Dedico este trabalho fruto de muita dedicação, primeiramente, a Deus, que me deu forças e sabedoria para seguir em frente, mesmo nos momentos mais difíceis foi a base da minha persistência. À minha filha, Isabela Edem, minha maior inspiração, razão pela qual nunca desisti e sigo firme buscando a felicidade. À minha querida mãe, Áurea, que com seu amor incondicional me incentivou a cada passo nessa jornada da Residência. À minha família, que sempre esteve ao meu lado, me motivando e me lembrando que os sonhos são possíveis. E à minha professora e orientadora, Andréia Guedes, minha eterna gratidão pelo apoio, dedicação, paciência e por acreditar no meu potencial, você foi uma luz nessa jornada, fazendo parte desse sonho realizado. À todos minha eterna gratidão!

RESUMO

Objetivo: Revisar as evidências científicas do período de 2019 à 2024 quanto a atuação da enfermagem no manejo da dor oncológica em pacientes submetidos ao tratamento quimioterápico. **Métodos:** Revisão integrativa da literatura. As buscas foram realizadas nas bases de dados da BVS (Biblioteca Virtual em Saúde) e Scientific Eletronic Library Online (SciELO). Incluiu-se artigos originais, textos completos disponíveis gratuitamente, na íntegra, publicados entre janeiro de 2019 e fevereiro de 2024 nos idiomas inglês, português e espanhol. **Resultados:** Levantou-se 58 artigos que atendiam a problemática do estudo, sendo 54 identificados na BVS e 04 na SciELO. Após a aplicação dos critérios de elegibilidade resultaram em 08 artigos que compuseram a amostra final. **Conclusão:** Evidenciou-se que a dor oncológica é um sintoma comum no paciente oncológico, incluindo aqueles em tratamento quimioterápico. A enfermagem mostra-se fundamental no alívio da dor desses pacientes.

Palavras-chave: Enfermagem Oncológica. Dor Oncológica. Quimioterapia. Manejo da Dor.

ABSTRACT

Objective: To review scientific evidence from 2019 to 2024 regarding the role of nursing in the management of cancer pain in patients undergoing chemotherapy treatment. **Methods:** Integrative literature review. The searches were carried out in the VHL (Virtual Health Library) and Scientific Electronic Library Online (SciELO) databases. Original articles were included, complete texts available for free, in full, published between January 2019 and February 2024 in English, Portuguese and Spanish. **Results:** 58 articles were identified that met the study's problem, 54 of which were identified in the VHL and 04 in SciELO. After applying the eligibility criteria, 8 articles resulted in the final sample. **Conclusion:** It was evident that cancer pain is a common symptom in cancer patients, including those undergoing

chemotherapy treatment. Nursing is fundamental in relieving the pain of these patients.

Keywords: Oncology Nursing. Cancer-related Pain. Chemotherapy. Pain Management.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	6
1.2 PERGUNTA DE PESQUISA	7
1.3 JUSTIFICATIVA	7
1.4 OBJETIVO	8
2 REVISÃO DE LITERATURA	8
3 METODOLOGIA	12
4 RESULTADOS	14
5 DISCUSSÃO	18
CONSIDERAÇÕES FINAIS	25
REFERÊNCIAS	26

1 INTRODUÇÃO

O câncer representa uma crescente preocupação de saúde pública a nível nacional e mundial, em virtude da sua elevada incidência e mortalidade. No Brasil, são esperados 704 mil casos novos de câncer para cada ano do triênio 2023-2025, com destaque para as regiões Sul e Sudeste, que concentram cerca de 70% da incidência, de acordo com a publicação Estimativa 2023 – Incidência de Câncer no Brasil, lançada pelo Instituto Nacional de Câncer (INCA). Reconhece-se que o tumor maligno é a segunda principal causa de morte no mundo, constituindo um problema de saúde pública global sendo responsável por 9,6 milhões de óbitos no ano de 2018.

O câncer é uma patologia caracterizada pelo crescimento anormal de células que destroem o tecido do corpo e podem invadir áreas distantes do tumor original, fenômeno denominado de metástase (Nascimento *et al.*, 2020). Dentre as opções terapêuticas para a doença encontra-se a quimioterapia cujo objetivo é o controle sistêmico do câncer ao interferir na capacidade de multiplicação das células cancerosas, com objetivos curativos ou paliativos (Silva *et al.*, 2019).

Dentre os efeitos colaterais da quimioterapia, esta dor que não afeta o paciente apenas fisicamente, mas também psicologicamente o que impacta no comportamento e na autoestima. Neste íterim, a equipe de enfermagem é crucial para auxiliar o paciente a enfrentar a doença e manter a adesão ao tratamento a fim de garantir uma melhor qualidade de vida (Leite *et al.*, 2015).

Reconhece-se que a dor associada ao tratamento quimioterápico não é apenas física, mas também emocional, social e compromete significativamente a qualidade de vida dos pacientes ao interferir no tratamento e na eficácia das intervenções. Ao considerar a complexidade envolvida no tratamento de pacientes em quimioterapia, é fundamental desenvolver e refinar as práticas de enfermagem para garantir o manejo eficaz e compassivo da dor oncológica, assegurando assim uma assistência mais completa e humanizada. Além disso, é crucial identificar todas as barreiras que podem dificultar o tratamento a fim de proporcionar intervenções terapêuticas e o apoio adequado em tempo oportuno (Teston, *et al.* 2018).

Souza e colaboradores (2016), mencionam que dentro desse

contexto, o papel do profissional de enfermagem é fundamental, uma vez que esse profissional está diretamente envolvido nos cuidados diários dos pacientes, o que permite uma intervenção mais imediata e contínua no alívio da dor dos pacientes oncológicos submetidos ao tratamento quimioterápico. De acordo com Silva e Moreira (2018), é fundamental observar o grau de complexidade do paciente oncológico para abordar e continuar intervenções terapêuticas conforme suas necessidades reais. Assim, a assistência ao paciente deve ser planejada de forma adequada, segura e individualizada de acordo com as necessidades do paciente.

1.2 PERGUNTA DE PESQUISA

Como tem sido descrita a atuação da enfermagem no manejo da dor oncológica em pacientes submetidos ao tratamento quimioterápico, de acordo com as evidências científicas dos últimos cinco anos?

1.3 JUSTIFICATIVA

A escolha por investigar a dor oncológica em pacientes submetidos ao tratamento quimioterápico se fundamenta na relevância clínica e social desse fenômeno, que afeta diretamente a qualidade de vida e a adesão ao tratamento por parte do paciente oncológico (Matsuoka *et al.*, 2017). A dor, além de ser um sintoma debilitante, compromete o bem-estar emocional e social, o que exige uma compreensão abrangente que contempla além dos tratamentos convencionais focados em analgésicos (Silva *et al.*, 2018). Assim, o estudo em questão objetiva contribuir para o avanço do conhecimento científico, ao apresentar novas abordagens para a prática de enfermagem, que incorporem intervenções multidisciplinares e estratégias de manejo da dor mais humanas e eficazes (Barata *et al.*, 2016).

A importância de explorar essa temática decorre da necessidade de se aprimorar as práticas assistenciais e permitir ao profissional de enfermagem um reconhecimento mais profundo das manifestações e desdobramentos da dor oncológica. De acordo com Graner e Rolim (2020), a atuação dos enfermeiros é essencial no cuidado diário, o que possibilita intervenções que melhorem a experiência individual do paciente e, conseqüentemente, sua

qualidade de vida durante o tratamento. A falta de abordagem efetiva e humanizada da dor oncológica pode exacerbar o sofrimento dos pacientes, o que dificulta a adesão ao tratamento e impacta negativamente na saúde emocional (Bubolz *et al.*, 2019).

Este estudo busca ampliar o conhecimento quanto as intervenções que integrem aspectos físicos e psicossociais no manejo da dor oncológica a fim de promover uma assistência mais qualificada, com benefícios tangíveis para a população oncológica e para a sociedade em geral.

1.4 OBJETIVO

Objetivo Geral:

- Revisar as evidências científicas do período de 2019 à 2024 quanto a atuação da enfermagem no manejo da dor oncológica em pacientes submetidos ao tratamento quimioterápico.

Objetivos Específicos:

- Identificar a avaliação e mensuração da dor oncológica em pacientes submetidos ao tratamento quimioterápico.
- Verificar a atuação da enfermagem no controle da dor oncológica do paciente submetido ao tratamento quimioterápico.

2 REVISÃO DE LITERATURA

A dor oncológica configura-se como uma questão clínica de alta relevância no atendimento a pacientes em tratamento quimioterápico dadas as suas múltiplas dimensões, que comprometem intensamente a qualidade de vida do sujeito. Conforme Graner e Rolim (2020), a atuação da enfermagem nesses casos demanda uma abordagem que contemple a complexidade do sofrimento físico e emocional vivenciado pelos pacientes, haja vista que a dor oncológica transcende as debilidades biológicas e está profundamente vinculada as experiências emocionais e sociais.

Logo, as estratégias terapêuticas devem ser integradas e holísticas, aptas a lidar de maneira abrangente com as complexas manifestações do sofrimento (Hartwig *et al.*, 2014).

O câncer ocasiona o crescimento descontrolado de células, o que leva

à formação de tumores. Embora suas origens e tipos sejam variados, todos os casos compartilham a capacidade de invadir tecidos e órgãos adjacentes, culminando na metástase - fenômeno em que células cancerígenas se espalham para outras regiões do organismo, agravando significativamente o tratamento e o prognóstico da doença (Brasil, 2023).

Apesar dos avanços notáveis na oncologia, o câncer resiste como uma das principais causas de mortalidade a nível mundial. A exemplo, segundo o levantamento do DataSUS (Brasil, 2016), em 2015, foram realizados no Brasil 5,7 milhões de procedimentos oncológicos pelo Sistema Único de Saúde (SUS). Nesse recorte, houve um aumento de 38% em cinco anos no número de quimioterapias realizadas pelo Sistema, passando de 2.190.734 procedimentos em 2010 para 2.903.139 em 2015. Tal momento simboliza a continuidade do desafio que essa doença representa para os sistemas de saúde, especialmente no Brasil.

Dentre os fatores determinantes da letalidade da doença, deve-se considerar o estágio em que é detectada e a eficácia das intervenções terapêuticas adotadas a partir daí. Quando as variantes não são identificadas precocemente, podem evoluir de forma altamente agressiva, restringindo significativamente as possibilidades de tratamento. Dessa forma, a detecção precoce e a implementação de intervenções imediatas aumentam as chances de sobrevivência dos pacientes (Brasil, 2018).

A quimioterapia enquanto intervenção destaca-se por sua capacidade de alcançar células cancerígenas em todo o corpo. Distinguindo-se de terapias localizadas, como a cirurgia e a radioterapia, a quimioterapia é desenvolvida para atuar no organismo de forma sistêmica. Isso a torna uma ferramenta indispensável no arsenal terapêutico contra o câncer, sobretudo em casos de metástase, onde a disseminação das células malignas requer uma abordagem abrangente (Bonassa *et al.*, 2019).

O uso eficaz da quimioterapia demanda um planejamento rigoroso e uma compreensão aprofundada dos mecanismos de ação dos agentes quimioterápicos. Com os avanços na medicina, os tratamentos têm se tornado progressivamente mais adaptados às características específicas de cada paciente. Essa abordagem individualizada não apenas maximiza a eficácia terapêutica, mas também reduz os efeitos colaterais associados ao tratamento, promovendo uma experiência mais humanizada e centrada nas

necessidades do indivíduo (Brasil, 2018). Quanto às particularidades, Silva; Fonseca; Rodrigues (2020) elencam classificações de acordo com o objetivo terapêutico, a saber:

- Curativa: Aplicada com o objetivo principal de curar o paciente.
- Paliativa: Destinada a melhorar temporariamente a qualidade de vida, aliviando sintomas em estágios avançados da doença.
- Adjuvante: Administrada após intervenções como cirurgia, visando reduzir o risco de recorrência do câncer.
- Neoadjuvante: Indicada para diminuir o tamanho dos tumores antes de uma cirurgia, tornando o procedimento menos agressivo e contribuindo para melhores resultados estéticos e funcionais.

A escolha do tipo de quimioterapia adequada depende de uma série de fatores, tais como o tipo de câncer, seu estágio, localização e o estado de saúde geral do paciente. O objetivo principal é maximizar a eficácia do tratamento enquanto minimiza os efeitos colaterais que podem impactar a qualidade de vida do paciente. É necessário, cada vez mais, melhorar a relação de eficácia e tolerabilidade (Bonassa, 2019).

O cuidado em enfermagem está associado à detecção precoce das necessidades dos pacientes, o que envolve a avaliação, etapa que permite aos enfermeiros antever as principais dificuldades do tratamento (Stube *et al.*, 2015). Costa *et al.* (2017) e Desantana *et al.* (2023) ressaltam a avaliação eficaz da dor oncológica como fundamental no tratamento, trazendo a consideração de fatores subjetivos variados, como a experiência individual do paciente com a dor, suas respostas emocionais à doença e o impacto de fatores ambientais sobre sua saúde.

O procedimento requer um foco detalhado na mensuração precisa e oportuna da dor, o que, segundo Stube *et al.* (2015), é essencial para assegurar que se planeje intervenções adequadas, minimizando, assim, o sofrimento dos pacientes.

Também de acordo com Brito e Carvalho (2022), a consideração do estado emocional dos pacientes na avaliação da dor é central para a eficácia dos planos de manejo. Dada a demanda de estabelecer um vínculo que é tanto afetivo quanto profissional, os processos em enfermagem devem estar

para apoiar de modo integral (Bubolz *et al.* 2019). Esta abordagem multidimensional desvela a importância de atender tanto às necessidades físicas quanto psicossociais dos pacientes oncológicos. Torna-se, então, nítida a importância de um treinamento que leve igualmente em conta o emocional dos enfermeiros para garantir que as equipes estejam preparadas para lidar com as demandas de dor oncológica de seus pacientes, afinando sua intervenção para a maior eficácia possível (Bulboz *et al.* 2019).

A assistência do enfermeiro oncológico vai ao encontro direto do desconforto e das reações de desesperança do paciente (Lins; Souza, 2018), sendo mandatório, nessa lida, lembrar-se que a dor oncológica não é apenas um sintoma desagradável: esta tem a capacidade de comprometer profundamente a experiência de cuidado do enfermo, influenciando negativamente a adesão ao tratamento e o bem-estar geral dos pacientes. A incerteza no campo dos cuidados terapêuticos e o impacto do câncer no organismo tornam o paciente vulnerável a sentimentos negativos, os quais afetam o processo de decisão sobre os recursos disponíveis contra a doença (Carmo *et al.*, 2019).

Por isso, ressalta-se a importância de uma abordagem multiprofissional que considere também figuras afetivas, como familiares, são determinantes para o bem-estar global do paciente e, conseqüentemente, para o sucesso da atuação do enfermeiro (Brito; Carvalho, 2022).

Dada a etapa de avaliação, a aplicação das intervenções deve ser igualmente cuidadosas. A implementação de estratégias eficazes de enfrentamento pela equipe de enfermagem desempenha um papel crucial no manejo da dor oncológica (Macedo *et al.*, 2019). Tais estratégias abrangem não apenas intervenções farmacológicas, mas também métodos complementares, como técnicas de relaxamento e suporte psicológico, que contribuem para a diminuição da carga total de dor vivenciada pelos pacientes. As práticas de enfermagem voltadas para o manejo da dor oncológica devem,

em suma, ser continuamente estudadas e aprimoradas, porque importa o devido preparo para realizar todos os procedimentos necessários, desde a administração de quimioterápicos à avaliação integral do paciente e de seus familiares (Rodrigues *et al.*, 2019). As estratégias precisam ser baseadas em

avaliação personalizada, mapeamento controlado e evidências para garantir que sejam as mais eficazes possíveis, refletindo o estado atual de conhecimento e melhores práticas na área de cuidado oncológico.

Um agravante no panorama geral aqui representado é a o vazio teórico-prático dificulta a implementação de abordagens consistentes e eficazes no controle da dor, impactando diretamente a qualidade de vida dos pacientes. Em contraponto, um ambiente propício ao aprendizado contínuo dentro das equipes de enfermagem coaduna com Rodrigues *et al.* (2019) na perspectiva da garantia de aprimoramento das práticas de manejo da dor em pacientes em caso quimioterápico. Os processos de pesquisa e preparação profissional têm peso então no manejo do tratamento oncogênico, posto que, ao preencher a lacuna, há consequente aprimoramento do cuidado prestado.

3 METODOLOGIA

Realizou-se uma revisão integrativa, que, segundo Sousa (2018), é um método de pesquisa que visa sintetizar o conhecimento já existente sobre um determinado tema, integrando resultados de estudos anteriores, de modo a fornecer uma compreensão abrangente e atualizada da literatura. As etapas da revisão integrativa incluem a formulação da questão de pesquisa, a busca na literatura, a avaliação dos dados, a análise e síntese dos resultados e, por fim, a apresentação do conhecimento integrado. Ao seguir essas etapas, o pesquisador pode identificar lacunas no conhecimento atual e sugerir direções para futuras pesquisas, garantindo que a revisão seja compreensiva, transparente e sistemática (Sousa, 2018; Noble; Smith, 2018).

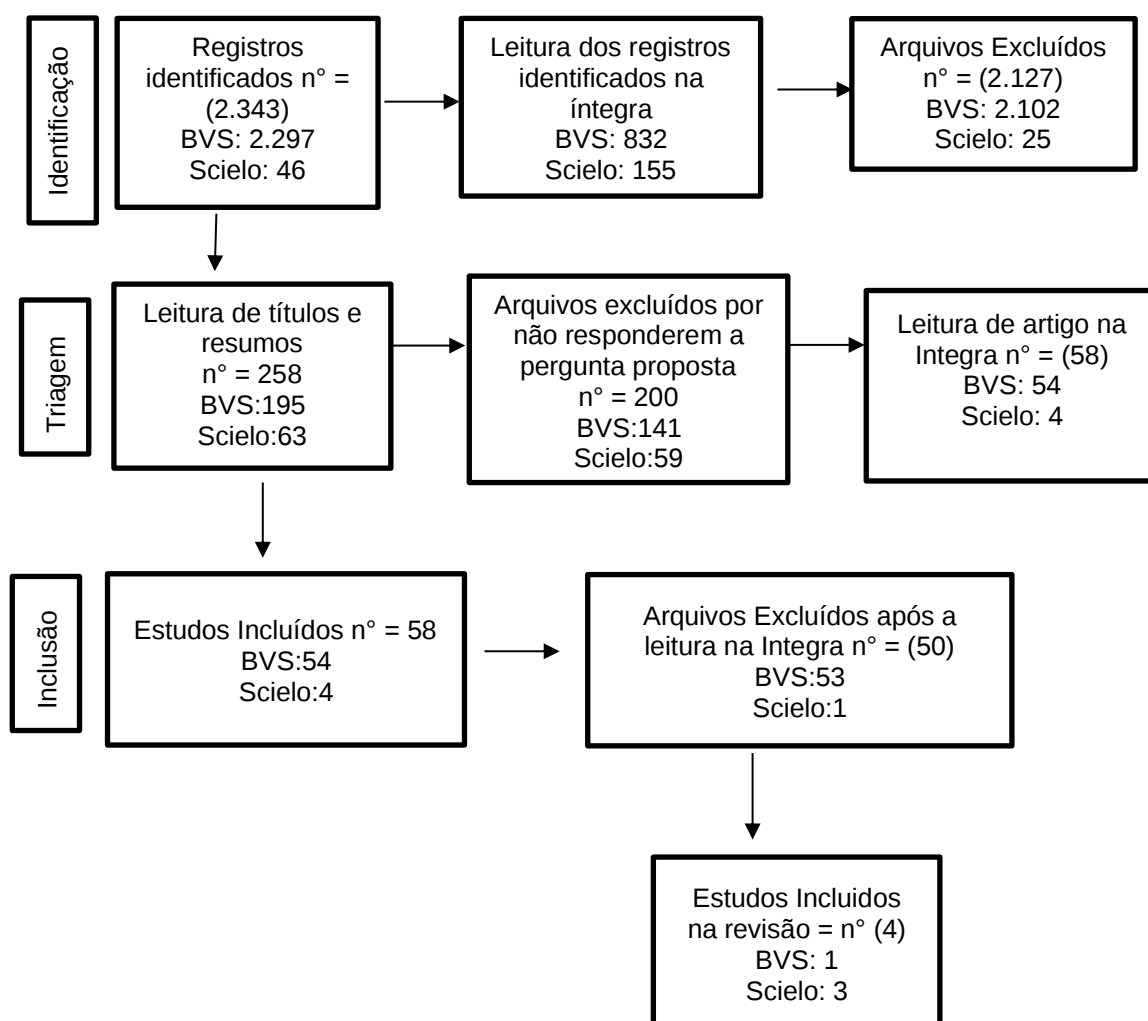
Delimitada a problemática do estudo, foi realizada a consulta aos Descritores em Ciências da Saúde (DECS) e ao Medical Subject Headings (MeSH), sendo definidos o uso dos descritores: "mensuração da dor", "avaliação da dor", "dor crônica", "dor aguda", "dor oncológica", "tratamento quimioterápico" nos idiomas português, inglês e espanhol acompanhados dos operadores booleanos "AND" e "OR" originando assim as respectivas combinações: "mensuração da dor" AND "avaliação da dor" AND "dor crônica"; "avaliação da dor" OR "mensuração da dor"; AND "dor crônica"; "dor oncológica" AND "câncer de mama" AND "tratamento

quimioterápico"; e "dor aguda" OR "dor crônica".

A seleção dos artigos foi realizada em outubro de 2024 nas bases de dados Scientific Electronic Library Online (SciELO) e Biblioteca Virtual em Saúde (BVS). Foram aplicados os seguintes critérios de inclusão: artigos completos, publicados no período de 2019 à 2024, disponíveis na íntegra, nos idiomas português, inglês e espanhol.

Para o processo de seleção dos artigos, utilizou-se um fluxograma (Figura 1), a fim de garantir a seleção dos estudos inseridos na presente pesquisa. Além disso, procedeu-se à leitura dos títulos dos artigos identificados, seguindo para análise dos resumos e posteriormente, realizou-se a leitura completa dos estudos selecionados.

Figura 1. Fluxograma de seleção dos artigos com base nos critérios de inclusão e elegibilidade



A análise dos dados foi realizada através da técnica de análise de conteúdo, conforme proposto por Bardin (2011), o que engloba a codificação inicial, a leitura detalhada e a categorização dos temas emergentes. O objetivo da análise de conteúdo é proporcionar uma visão estruturada e compreensiva sobre determinado tema. A análise de conteúdo consiste em categorizar e interpretar dados qualitativos de forma a extrair padrões e significados intrínsecos (De Souza *et al.*, 2017).

4 RESULTADOS

Foram analisadas 08 publicações que atendiam aos critérios de inclusão estabelecidos e citados anteriormente. Os dados dos artigos foram organizados em quadro síntese com as seguintes informações: autor/ano, título, delineamento do estudo, objetivo e resultados/conclusões (Quadro 1).

Quadro 1. Descrição da amostra de artigos incluídos na pesquisa de acordo com autor/ano, título, delineamento do estudo, objetivo e resultados/conclusões.

Autor Ano	Título	Delineamento do estudo	Objetivo	Resultados Conclusões
Borchardt et al. (2020)	Avaliação das dimensões da dor no paciente oncológico	Estudo transversal, descritivo, de abordagem quantitativa	Mensurar a experiência dolorosa em pacientes oncológicos	Os descritores mais usados foram FISGADA (54%), CANSATIVA (52%), CHATA (38%) E APERTA (26%) E 80% dos pacientes relataram ausência de dor no momento da entrevista.
Buitrago Martín et al. (2020)	Caracterização da dor em pacientes com câncer de mama atendidas na unidade de oncologia do Hospital San José	Estudo observacional descritivo de corte transversal	Determinar a presença de dor em pacientes com câncer de mama em tratamento oncológico (quimioterapia, radioterapia, cirurgia e/ou tratamento hormonal) e descrever suas características.	Os dados foram coletados de 93 pacientes, dos quais 56,9% apresentavam dor, com maior prevalência de dor crônica em 52,8%; 54,7% classificaram sua dor como nociceptiva e 45,2% como dor neuropática, com dor intensa em 49,0%. A dor foi tratada em 52,8% com paracetamol e 22,6% não tiveram

				tratamento.
Silva et al. (2022)	Avaliação da fadiga e da qualidade de vida de pacientes com câncer colorretal em quimioterapia	Estudo descritivo	Avaliar a fadiga e a qualidade de vida relacionada à saúde de pacientes com câncer colorretal em tratamento quimioterápico.	A qualidade de vida apresentou escores satisfatórios e a fadiga foi classificada como leve em pacientes submetidos a quimioterapia.
Rosa et al. (2022)	Avaliação da Dor em Mulheres Com Câncer Cérvico-Uterino Durante a Braquiterapia	Estudo transversal, analítico, quantitativo	Avaliar a intensidade da dor em mulheres submetidas à braquiterapia pélvica.	Percepção dolorosa observada na maioria das mulheres. Os resultados contribuíram para a revisão do protocolo institucional para sedação endovenosa e melhor controle algico.

Dentre os artigos selecionados, foi possível observar que as publicações ocorreram nos anos de 2020 e 2022. A tendência pode ser reflexo do crescente interesse pela temática, impulsionada por avanços científicos e a necessidade de abordagens mais eficazes no acompanhamento do paciente oncológico em tratamento quimioterápico.

Conforme observado no Quadro 1, as publicações incluíram estudos com diversos delineamentos metodológicos. Os temas mais abordados foram a caracterização e avaliação da dor em pacientes oncológicos submetidos a quimioterapia, com ênfase nas estratégias de manejo da dor pela equipe de enfermagem. Observou-se uma diversidade de publicações com abordagens distintas na percepção da dor, influenciada tanto pelos fatores biológicos quanto emocionais, com destaque para a importância da implementação de medidas que visem a melhora da experiência dolorosa e a qualidade de vida dos pacientes.

Após a análise dos artigos, foram identificados os temas recorrentes e estes agrupados em duas categorias de análise: avaliação da dor oncológica em pacientes com câncer submetidos a quimioterapia e estratégias de enfermagem no manejo da dor oncológica.

Quadro 2.Temas recorrentes e categorias de análise.

Temas recorrentes	Categorias de análise
Dor oncológica, oncologia, tipos de dor, avaliação da dor, percepção de dor, quimioterapia.	Avaliação da dor oncológica em pacientes com câncer submetidos a quimioterapia.
Conhecimento, enfermagem, estratégias, manejo, dor oncológica.	Estratégias de enfermagem no manejo da dor oncológica.

5 DISCUSSÃO

5.1 AVALIAÇÃO DA DOR ONCOLÓGICA EM PACIENTES COM CÂNCER SUBMETIDOS A QUIMIOTERAPIA

A dor é o sintoma prevalente em pacientes com câncer avançado, apresentando-se em mais de 40% dos casos, mesmo diante dos progressos na abordagem terapêutica dos cuidados paliativos (Barata *et al.*, 2016). Reconhece-se que o controle e o alívio da dor associada ao câncer transcendem o uso de medicamentos, dado seu caráter multidimensional. A intensidade dos sintomas é influenciada por fatores físicos, psicológicos, sociais e espirituais experimentados pelo paciente, além disso, variáveis como fadiga, insônia, medo, ansiedade, raiva, depressão, isolamento social, alteração na percepção da autoimagem e comprometimento da capacidade funcional moldam a percepção da dor (Costa *et al.*, 2017; Xu, Ou, Xie, Cheng e Chen, 2019).

De acordo com Daleck (2016), a dor oncológica tipicamente começa como uma dor aguda e evolui progressivamente até alcançar um estado crônico, com variações de intensidade que vão de leve a severa. A dor aguda frequentemente possui um caráter autolimitante e responde efetivamente ao uso de analgésicos, estando geralmente relacionada à infiltração tumoral direta, síndromes paraneoplásicas, procedimentos cirúrgicos e diagnósticos diversos. Em contraste, a dor crônica caracteriza-se pela persistência por mais de três meses, frequentemente possui um início indefinido e representa um desafio terapêutico mais complexo. A gravidade dessa dor tende a aumentar com a progressão da doença tumoral, diminuindo conforme o tumor regride.

Além disso, a dor oncológica pode ser classificada segundo sua etiologia. Ela pode ocorrer em decorrência do desenvolvimento tumoral propriamente dito, manifestando-se por meio da invasão tumoral, compressão de estruturas, infiltração nervosa ou envolvimento extenso de vísceras. Pode também resultar do tratamento antitumoral, como observado em casos de dor fantasma após amputações, dores induzidas por quimioterápicos, além de necroses e fibroses provocadas pelo uso da radioterapia. Contudo, existem também dores que não são necessariamente derivadas da neoplasia, mas sim preexistentes, como aquelas associadas a

processos degenerativos articulares (Gaynor, 2008; Daleck, 2016).

No estudo realizado no Brasil no ano de 2020, com uma amostra de 50 indivíduos submetidos à quimioterapia, constatou-se que a dor oncológica apresentou variações significativas tanto em intensidade quanto em natureza. Esta pesquisa revelou que 70% dos participantes relataram dor moderada a severa, com episódios de dor aguda relacionados ao uso de quimioterápicos específicos. A dor neuropática foi identificada em 55% dos casos, enquanto 45% dos pacientes experienciaram dor nociceptiva. Além disso, a dor foi frequentemente associada à fadiga, insônia e ansiedade, o que sugere uma interação complexa entre fatores físicos e emocionais (Silva *et al.*, 2020).

Já na pesquisa conduzida por Matsuoka e colaboradores (2017), com 57 indivíduos oncológicos submetidos a quimioterapia, a fim de investigar o impacto das intervenções holísticas no manejo da dor, foi constatado que essas intervenções de manejo psicoespiritual e o fortalecimento de confiança entre pacientes e equipes de enfermagem resultaram em uma redução expressiva na percepção da dor associada à quimioterapia. Esta abordagem destacou a importância do tratamento não apenas através de intervenções farmacológicas, mas também por meio do apoio emocional e psicológico. O uso de estratégias multidisciplinares foi apontado como fundamental para o alívio da dor, conforme evidenciado por um decréscimo significativo nos índices de dor relatada em pacientes que se beneficiam de cuidados integrais (Perez *et al.*, 2016; Phenwan, 2018).

É reconhecido que a dor pode ser uma experiência percebida através de sensações físicas, mesmo quando as causas biológicas ou fisiológicas não são preponderantes. A avaliação da dor do câncer exige um enfoque total que englobe os fatores físicos, ambientais, emocionais, sociais e espirituais envolvidos na experiência dolorosa. De acordo com Lee *et al.* (2015) e Silva, Araújo, Cardoso, Cardoso (2015), aspectos holísticos relevantes da dor relacionada ao câncer são visíveis, principalmente em pacientes que, apesar do uso de analgésicos, continuam com altos níveis de dor por distintos motivos. A dor manifesta-se a nível sensorial mas frequentemente associa-se a fatores emocionais, como ansiedade e insônia. Diante disso, reconhece-se complexidade da dor no contexto oncológico e que é de suma relevância a necessidade de abordagens

terapêuticas integradas que levem em conta tanto os aspectos físicos quanto emocionais (Costa; Chaves, 2012).

A avaliação da dor oncológica em pacientes submetidos à quimioterapia é uma área de extrema importância, dada a complexidade e a frequência com que esses pacientes experienciam a dor. De acordo com Rodrigues *et al.* (2021), a dor oncológica crônica em pacientes submetidos à quimioterapia é predominante em pacientes com câncer, variando de 36% a 61% em estágios não avançados da doença o que evidencia a necessidade de uma avaliação precisa e contínua da dor, considerando a gravidade e a variabilidade dos quadros clínicos.

Os métodos de avaliação da dor em pacientes submetidos à quimioterapia podem incluir escalas numéricas, descrições qualitativas e exames clínicos detalhados. Segundo Careskey e Narang (2019), a avaliação da dor não pode ser generalizada, pois a complexidade da dor oncológica requer uma abordagem individualizada. É essencial identificar não apenas a intensidade, mas também o tipo e a fonte da dor, pois isso pode influenciar diretamente a escolha do tratamento e sua eficácia.

Com base no estudo de Lovell e colaboradores realizado em 2021, o controle inadequado da dor pode impactar significativamente na qualidade de vida, na sobrevivência dos pacientes, além de interferir na elegibilidade e tolerância à quimioterapia. Este fato sublinha a importância de uma avaliação eficaz da dor, visto que é um passo crucial na escolha das intervenções terapêuticas mais apropriadas, tanto farmacológicas quanto não-farmacológicas.

As abordagens para o tratamento da dor oncológica em pacientes submetidos à quimioterapia incluem tanto opções farmacológicas, como o uso de opióides, quanto métodos integrativos, como acupuntura e terapias cognitivas e comportamentais. No que concerne a conduta medicamentosa, Coveler *et al.* (2021) destacam que o uso excessivo de opióides por falta de avaliação adequada da dor pode levar a efeitos adversos consideráveis e ao risco de dependência. Sendo assim, é crucial a avaliação contínua e ajustada da dor a fim de otimizar os regimes de tratamento e minimizar os riscos.

Desta forma, uma avaliação detalhada, contínua da algia combinada ao manejo eficaz da dor oncológica em pacientes submetidos à

quimioterapia permanece um desafio. Reconhece-se que a avaliação adequada da dor oncológica deve ser o alicerce do plano de tratamento adaptativo, capaz de se ajustar às complexidades individuais de cada caso, garantindo assim uma melhor qualidade de vida para o paciente (Bicego *et al.*, 2021).

5.2 ESTRATÉGIAS DE ENFERMAGEM NO MANEJO DA DOR ONCOLÓGICA

A gestão eficaz da dor oncológica é uma necessidade crítica no tratamento de pacientes submetidos à quimioterapia. Bennett *et al.* (2019), enfatizam que a implementação de padrões uniformes para o manejo da dor associada ao câncer pode melhorar significativamente a qualidade de vida dos pacientes. Esses padrões incluem o uso de estratégias tanto farmacológicas quanto não farmacológicas a fim de garantir o tratamento holístico e personalizado.

Reconhece-se a equipe de enfermagem como o elo direto com os pacientes, ao desempenhar um papel crucial na aplicação das diretrizes e possibilitar a adaptação das intervenções embasada nas necessidades individuais de cada indivíduo (Bicego, *et al.* 2012).

A equipe de enfermagem deve estar preparada para lidar com as complexidades no manejo da dor no paciente oncológico submetido ao tratamento quimioterápico. A educação continuada e o treinamento especializado são essenciais para capacitar a equipe de enfermagem na identificação das manifestações clínicas da dor nessa população e na aplicação das intervenções precoces, a fim de evitar complicações mais graves e melhorar os resultados terapêuticos (Blasco, Cordero, Dundar, 2020).

A relevância dos tratamentos complementares no manejo da dor oncológica também é notável. Bicego *et al.* (2021) conduziram um estudo randomizado que demonstrou como intervenções complementares podem contribuir para a redução da dor crônica em pacientes de oncologia. A integração de práticas como acupuntura e técnicas de relaxamento no plano de cuidados pode ser mediada pela equipe de enfermagem, ampliando as opções de tratamento disponíveis e promovendo uma abordagem mais abrangente ao cuidado do paciente oncológico.

Careskey e Narang (2018) destacam métodos anestésicos intervencionistas como parte do arsenal terapêutico no manejo da dor em pacientes hematológicos e oncológicos. A implementação destes métodos requer uma colaboração estreita entre a equipe de enfermagem e outros profissionais de saúde para garantir segurança e eficácia nas administrações das técnicas. O papel da enfermagem inclui não apenas a assistência direta, mas também o monitoramento contínuo das respostas dos pacientes a terapêutica implementada.

Além disso, a equipe de enfermagem é crucial ao colaborar com oncologistas e especialistas em dor, no planejamento e na execução de regimes de tratamento que minimizem o impacto da dor e permitam aos pacientes participar de suas atividades diárias o máximo possível (Coveler *et al.*, 2021).

A implementação de diretrizes específicas para a dor no câncer é um fator determinante na melhoria dos resultados dos pacientes, como demonstrado por Lovell *et al.* (2022). A adaptação dessas diretrizes na prática clínica, com o envolvimento diligente da equipe de enfermagem, garante que o manejo da dor seja coerente e centrado no paciente, promovendo eficácia e satisfação no tratamento oncológico como um todo.

A equipe de enfermagem desempenha um papel integral no tratamento de pacientes oncológicos, o que influencia significativamente tanto sua estrutura emocional quanto a dos pacientes. O tratamento do câncer demanda intervenções exigentes e desafiadoras, não apenas para o paciente, mas também para os enfermeiros, o que exige deste profissional um preparo emocional abrangente para lidar com as emoções intensas dos pacientes e familiares. Reconhece-se que a família também necessita de suporte psicológico eficaz para enfrentar as mudanças significativas no cotidiano e as reações adversas que possam ocorrer (Carmo *et al.*, 2019).

De acordo com Stube *et al.* (2015), a dor é uma constante na questão oncológica, o que exige que os enfermeiros possam identificar e aplicar as estratégias adequadas para seu controle. A dor afeta os aspectos fisiológicos, psíquicos, sociais e espirituais dos pacientes, pois é uma experiência desagradável associada a danos reais ou potenciais aos tecidos.

O cotidiano do enfermeiro que lida com o paciente oncológico está aspectos emocionais e físicos. Diante disso, ressalta-se a importância

das estratégias da equipe de enfermagem para assegurar que os pacientes recebam um cuidado abrangente, humanizado e adaptado às suas necessidades individuais. A equipe de enfermagem atua, portanto, não apenas na administração de terapias e prevenção de complicações, mas também na promoção da saúde emocional do paciente, facilitando um ambiente de confiança e suporte.

Reconhece-se que a intervenção direta combinada com a integração contínua com a equipe de saúde, é essencial para melhorar os resultados terapêuticos e aumentar a qualidade de vida dos pacientes oncológicos, garantindo que, mesmo diante de desafios e adversidades, o paciente sintase acolhido e motivado a participar ativamente do seu tratamento e reabilitação. Assim, ao implementar abordagens centradas no paciente, focando nas esferas física, emocional e social, a enfermagem torna-se um instrumento vital na jornada de enfrentamento do câncer (Carvalho et al., 2020).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Compreende-se que o objetivo desta revisão foi alcançado ao verificar que a dor oncológica no paciente submetido ao tratamento quimioterápico se manifesta de distintas formas, incluindo a dor aguda e crônica, e sua intensidade pode variar a depender do tipo de câncer e da terapêutica empregada. As evidências apontam que o manejo da dor não deve se restringir unicamente às abordagens farmacológicas, mas deve incluir intervenções psicoemocionais e suporte social, considerando a dor em suas múltiplas dimensões.

Ressalta-se a importância de uma abordagem holística e integrada no cuidado ao paciente oncológico, que leve em consideração fatores físicos, emocionais e sociais e neste contexto a equipe de enfermagem desempenha um papel fundamental para a eficácia das intervenções ao influenciar diretamente na qualidade de vida e na adesão ao tratamento por parte dos pacientes.

Observou-se durante a pesquisa realizada a limitação de achados sobre a temática abordada o que reforça a necessidade de um olhar pormenorizado acerca do tema em questão.

REFERÊNCIAS

Arata, P.; Santos, F.; Mesquita, G.; Cardoso, A.; Custódio, M. P.; Alves, M.; Lawlor, P. Associação da intensidade de dor no tempo até à morte dos doentes oncológicos referenciados aos cuidados paliativos. *Acta Médica Portuguesa*, v. 29, n. 11, p. 694-701, 2016.

Bennett, M. I. et al. Standards for the management of cancer-related pain across Europe—A position paper from the EFIC Task Force on Cancer Pain. *European Journal of Pain*, v. 23, n. 4, p. 660–668, 6 jan. 2019.

Bicego, A. et al. Complementary treatment comparison for chronic pain management: A randomized longitudinal study. *PLOS ONE*, v. 16, n. 8, p. e0256001, 6 ago. 2021.

Blasco, M. A.; Cordero, J.; Dundar, Y. Chronic Pain Management in Head and Neck Oncology. *Otolaryngologic Clinics of North America*, v. 53, n. 5, p. 865–875, 1 out. 2020.

Borchardt, Dara Brunner et al. Avaliação das dimensões da dor no paciente oncológico. *Nursing (São Paulo)*, v. 23, n. 266, p. 4308-4317, 2020.

Bonassa, E. M. A.; Gato, M. I. R. Terapêutica oncológica para enfermeiros e farmacêuticos. 4. ed. São Paulo: Atheneu. cap. 6, p. 305 - 460. 2019.

Brasil. Instituto Nacional de Câncer José Alencar Gomes da Silva. Ações de vigilância do câncer: perspectiva para o planejamento das estratégias de controle e prevenção. 2023. Disponível em: <https://www.gov.br/inca/pt-br/assuntos/cancer/numeros>. Acesso em: 12 dez. 2024.

Brasil. Instituto Nacional de Câncer (INCA). Estimativa 2023: incidência de câncer no Brasil. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2023. Disponível em: <https://www.inca.gov.br/publicacoes/livros/estimativa-2023-incidencia-de-cancer-no-brasil>. Acesso em: 29 de dez. de 2024.

Brasil. Ministério da Saúde. Instituto Nacional do Câncer José Alencar Gomes da Silva. Estimativa 2018 - 2019: incidência de câncer no Brasil. Rio de Janeiro, 2018.

Brasil. Ministério da Saúde. Instituto Nacional do Câncer José Alencar Gomes da Silva. Estimativa 2018 - 2019: incidência de câncer no Brasil. Rio de Janeiro, 2018.

Brito, F. A.; Carvalho, C. D. Distress do paciente oncológico. *Revista Brasileira de Enfermagem*, 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/reben/a/wWCXRV3rJ8BYFwBfGKpx7cw/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 03 de nov. de 2024.

Buitrago Martín, Claudia Liliana et al. Caracterización del dolor en las pacientes con cáncer de mama que asisten a la unidad de oncología del Hospital San José. *Revista de la Sociedad Española del Dolor*, v. 26, n. 4, p. 221-226, 2019.

Bubolz, B. K. et al. Percepções dos Profissionais da Enfermagem a Respeito do Sofrimento e das Estratégias de Enfrentamento na Oncologia. *Rev. pesquis. cuid. fundam.* (Online), 2019, p. 599-606.

Carmo, R. A. L. O.; Siman, G. A.; Matos, R. A.; Mendonça, E. T. Cuidar em Oncologia: Desafios e Superações Cotidianas Vivenciados por Enfermeiros. *Revista Brasileira de Cancerologia*, v. 65, n. 3, 2019.

Careskey, H.; Narang, S. Interventional Anesthetic Methods for Pain in Hematology/Oncology Patients. *Hematology/Oncology Clinics of North America*, v. 32, n. 3, p. 433–445, jun. 2018.

Costa, W. A.; Monteiro, M. N.; Queiroz, J. F.; Gonçalves, A. K. Pain and quality of life in breast cancer patients. *Clinics*, v. 72, n. 12, p. 758-763, 2017.

Costa, Aline Isabella Saraiva; Chaves, Marcelo Donizetti. Dor em pacientes oncológicos sob tratamento quimioterápico. *Revista Dor*, v. 13, p. 45-49, 2012.

Costa, Aline Isabella Saraiva; Chaves, Marcelo Donizetti. Dor em pacientes oncológicos sob tratamento quimioterápico. *Revista Dor*, v. 13, n. 1, p. 1-9, 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1806-00132000008>. Acesso em 26 de dez. de 2024.

Coveler, A. L. et al. Pancreas Cancer-Associated Pain Management. *The Oncologist*, v. 26, n. 6, mai. 2021.

Datasus. Oncologia: avanços e desafios para o SUS. Disponível em: <file:///C:/Users/Meu/Documents/a%20TCC/TCC%20ONCO/ARTIGOS%20PARA%20RAAP%20TCC%20ONCO/artigos%20google%20academico%20utilizados/Forum-Estadao-Oncologia.pdf>. Acesso em: 2016.

Desantana, J. M.; Perissinotti, D. M. N.; Oliveira, W.; Fonseca, P. R. B.; Matsuo, R. Definição de dor. *Brazilian Journal of Pain*, 2023. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/brjp/a/GXc3ZBDRc78PGktrfs3jgFR/?lang=pt>. Acesso em: 03 de nov. de 2024.

Graner, M. L.; Rolim, A. C. Dor oncológica: manejo clínico realizado por enfermeiros. *Journal of Aging and Innovation*, 2020. Disponível em: <http://journalofagingandinnovation.org/wp-content/uploads/1-Dor-oncol%C3%B3gicaManejo-Clinico.pdf>. Acesso em: 03 de nov. de 2024.

Hartwig, K.; Dean, M.; Hartwig, K.; Mmbando, P. Z.; Sayed, A.; Vries, E. Where there is no morphine: the challenge and hope of palliative care delivery in Tanzania. *African Journal of Primary Health Care & Family Medicine*, v. 6, n. 1, p. 549, 2014.

Hocking, Robyn. Yale MeSH Analyzer. Journal of the Canadian Health Libraries Association, v. 38, n. 3, p. 125-126, 2017.

Lakatos, E. M.; Marconi, N. A. Fundamentos de Metodologia Científica. 7. ed. Ed. Atlas, 2010.

Lee, Y.-P. et al. The relationship between pain management and psychospiritual distress in patients with advanced cancer following admission to a palliative care unit. BMC Palliative Care, v. 14, p. 69, 2015.

Leite, M. A. C.; Nogueira, D. A.; Terra, F. D. S. Avaliação da autoestima em pacientes oncológicos submetidos a tratamento quimioterápico. Revista Latino-Americana de Enfermagem, v. 23, n. 6, 2015, p. 1082-1089.

Lins, F. G.; Souza, S. R. D. Formação dos enfermeiros para o cuidado em oncologia. Rev. enferm. UFPE on line, 2018, p. 66-74.

Lovell, M. R. et al. Effect of Cancer Pain Guideline Implementation on Pain Outcomes Among Adult Outpatients With Cancer-Related Pain. JAMA Network Open, v. 5, n. 2, p. e220060, 21 fev. 2022.

Macedo, A.; Mercês, N. N. A. D.; Silva, L. A. G. P. D.; Sousa, G. C. C. D. Estratégias de enfrentamento dos profissionais de enfermagem frente à morte na oncologia pediátrica: revisão integrativa. Rev. pesquis. cuid. fundam. (Online), 2019, p. 718-724.

Matsuoka, H. et al. Expectation of a decrease in pain affects the prognosis of pain in cancer patients: a prospective cohort study of response to morphine. International Journal of Behavioral Medicine, v. 24, n. 4, p. 535-541, 2017.

Minayo, M. C. S. O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde. 13. ed. Hucitec, 2013.

Nascimento, A. S. M.; Nobre, I. C.; Lima, M. D. F. D. S.; Arruda, E. F. D.; Volpáti, N. V. Câncer infantojuvenil: Perfil dos pacientes atendidos na unidade de alta complexidade em oncologia (UNACON) em Rio Branco–Acre, Brasil, No Ano De 2017. Arq. ciências saúde UNIPAR, 2020, p. 35-39.

Noble, Helen; Smith, Joanna. Reviewing the literature: choosing a review design. Evidence-based nursing, v. 21, n. 2, p. 39-41, 2018. doi:10.1136/eb-2018-102895.

Oliveira, A. R.; Souza, M. S. Dor em oncologia: intervenções complementares e alternativas ao tratamento medicamentoso. Revista Brasileira de Terapias Cognitivas, 2010. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X2010000200009. Acesso em: 03 de nov. de 2024.

Oliveira, J.; Reis, J.; Da Silva, R. Busca por cuidado oncológico: percepção de pacientes e familiares. Revista de Enfermagem UFPE on line, v. 12, n. 4, 2018, p. 938-946.